

a promessa de gabriel

sylvain reynard

Tradução de Ester Cortegano

*Este livro é dedicado a todos aqueles que perdemos.
Que nunca sejam esquecidos.*

Prólogo

1313

Verona, Itália

O poeta fez uma pausa, e a sua pena ficou suspensa no ar como uma ave ansiosa sobre o velino. As palavras que tinha posto na boca da sua amada eram acusatórias. Até a tinta o condenava.

Ao escrever *Purgatorio*, fora obrigado a reexaminar a sua vida após a morte dela. O seu tributo a Beatriz era, ao mesmo tempo, uma homenagem e uma penitência. Mas não era o fim.

Não, a morte de Beatriz não era o fim do seu amor. Continuava a amá-la e nesse amor era transformado.

A ave da sua pena regressou ao velino, dando voz à sua perda. Não fora dela merecedor nesta vida. Mas talvez na próxima...

*«Volve, Beatriz, já volve os olhos santos»
Era a sua canção, «ao teu fiel
que, por te ver, há dado passos tantos!
Por graça nos dês graça que desvele
a ele a boca tua e veja a alterna
e segunda beleza que te assele.»¹*

Ali estava agora a sua amada, bela e resplandecente. O seu amor permanecia, mas alterara-se. E, ao alterar-se, aprofundara-se, adquirira a substância da eternidade.

¹ In Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, tradução Vasco Graça Moura, Lisboa, Quetzal, 2011. (N.T.)

O poeta fitou a cidade do seu exílio e chorou a sua casa. Chorou por Beatriz e o que não tinha existido.

Tinha esperança pelo porvir. O seu amor transportara-o para além de si mesmo, para além do seu amor terreno, para algo transcendente, perfeito e eterno. Ao mesmo tempo que purgava a sua alma, esperava que as palavras que escrevia se tornassem proféticas e que todas as promessas que lhe tinha feito se cumprissem...

Capítulo Um

Setembro de 2012
Hospital Mount Auburn
Cambridge, Massachusetts

O professor Gabriel O. Emerson embalava a filha recém-nascida contra o peito. Estava reclinado numa poltrona ao lado da cama de hospital da mulher, que dormia. Apesar dos protestos do pessoal de enfermagem, recusara-se a deitar a bebé no berço ao lado. Ela estava mais segura nos seus braços, encostada ao seu coração.

Clare Grace Hope Emerson era um milagre. Rezara por ela na cripta de São Francisco de Assis, depois de casar com a sua amada Julianne. Na altura, julgava-se incapaz de ser pai de uma criança, em resultado da sua autoaversão. Mas, com Julianne ao lado como sua Beatriz e sua esposa, ele tinha rezado. E Deus atendera a sua prece.

A bebé agitou-se e virou a cabeça.

Gabriel segurou-a com mais força, a mão grande a cobrir-lhe as costas, e sentiu o ritmo da sua respiração.

— Amámos-te desde que nasceste — sussurrou ele. — Ficámos tão excitados com a tua chegada.

Nesse momento — esse calmo e terno momento — Gabriel tinha tudo o que alguma vez desejara. Se antes fora Dante, já não o era, pois Dante nunca tinha conhecido o prazer de casar com Beatriz, nem de receber uma criança nascida do seu amor.

O poeta nele refletiu sobre o estranho desenrolar dos acontecimentos que o tinham levado do profundo desespero ao cume da felicidade.

— *Apparuit iam beatitudo vestra* — citou com sinceridade, agradecendo

a Deus por não ter perdido a mulher e a filha, apesar das complicações durante o parto.

O espectro do seu pai intrometeu-se na sua felicidade, suscitando uma promessa espontânea.

— Nunca vos deixarei. Vou estar aqui com as duas, minhas queridas meninas, enquanto viver.

Na escuridão do quarto de hospital, Gabriel determinou proteger, amar e cuidar da filha e mulher, custasse o que custasse.

Capítulo Dois

*Uma semana depois
Hospital Mount Auburn
Cambridge, Massachusetts*

Começou com um email.

Era uma coisa pequena — uma consulta do email. Talvez fosse uma das mais pequenas e mais inconsequentes das ações. Tocava-se no ecrã do telemóvel e apareciam as mensagens de email.

Um sábio canadiano escreveu um dia: *O meio é a mensagem*. E, neste caso, o email e o seu conteúdo eram incrivelmente importantes.

Tinha havido boatos.

A comunidade dos especialistas em Dante não era particularmente vasta, e o professor Gabriel O. Emerson era bem conhecido. Tinha sido o melhor no seu curso em Harvard e, em muito pouco tempo, já construía a sua fama na universidade de Toronto.

Depois fora cercado pelo escândalo, um escândalo que envolvia a sua amada Julianne, que também era sua aluna de mestrado. Houvera uma investigação. Um julgamento. Uma sentença. Uma demissão.

A universidade tinha mantido a discrição a este respeito. Julianne terminara o mestrado e dera início ao doutoramento em Harvard. Gabriel aceitara um lugar de professor na universidade de Boston. Tinham casado a 21 de janeiro de 2011.

Mas, mesmo assim, havia boatos. As conversas de uma antiga aluna de mestrado chamada Christa Peterson, que alegava que Emerson era um predador e Julianne uma meretriz.

Embora Gabriel tivesse feito os possíveis para silenciar Christa e combater os rumores, as conversas tinham continuado. Agora, poucos meses depois

do seu segundo aniversário de casamento, Gabriel não falava do assunto, não desejando dar voz às suas preocupações. Mas, na verdade, temia ter maculado a carreira de Julianne. Atualmente, a comunidade académica era bem mais complacente com os seus professores mais graduados do sexo masculino do que com jovens alunas de pós-graduação.

Gabriel sabia-o. Razão pela qual ficou a olhar durante um longo momento para a mensagem de email que tinha acabado de receber.

A mensagem era de um grupo de que Gabriel já tinha ouvido falar mas nunca conhecera. Leu a mensagem uma vez e depois outra, só para ter a certeza de que não se enganara.

Foi varrido por uma sensação estranha. A sua pele arrepiou-se. Algo crucial estava prestes a acontecer...

— Gabriel? — A voz de Julianne interrompeu-lhe os pensamentos. — Temos tudo? A Rachel já levou as flores e os balões para casa.

Gabriel abriu a boca para falar com a mulher sobre o email que tinha acabado de receber, mas foi interrompido pela súbita aparição da Dr.^a Rubio, a obstetra. Ela tinha o hábito de aparecer inesperadamente, como Atena, com os seus olhos cinzentos, na *Odisseia* de Homero. A Dr.^a Rubio aparecia, fazia as suas proclamações e desaparecia, por vezes deixando o caos na sua esteira.

— Bom-dia. — Cumprimentou os Emerson com um sorriso. — Preciso de verificar algumas coisas antes de dar alta à Julia e à Clare.

Gabriel devolveu o telemóvel ao bolso das calças. Apanhara o maior susto da sua vida, alguns dias antes, quando julgara erradamente que Julianne não tinha sobrevivido ao parto. A ansiedade continuava a colar-se a ele como uma ressaca que não conseguia dissipar.

Razão pela qual, ao ouvir a extensa lista de admoestações e instruções da Dr.^a Rubio, esqueceu de imediato o tão importante email e a absoluta necessidade de revelar o seu conteúdo à esposa.

Capítulo Três

— **O** que é que ela está a fazer? — O professor olhou de relance pelo espelho retrovisor para a mulher, que ia sentada atrás dele, ao lado de Clare.

O seu rosto atraente era juvenil e os olhos azuis dançavam. Estava finalmente a levar a sua família do hospital para casa. Tinha dificuldade em conter a excitação.

— Ainda está a dormir. — Julia debruçou-se sobre a cadeira transportadora e acariciou levemente a face da criança.

A boquinha de botão de rosa da bebé parecia fazer beicinho ao dormir. Fios de cabelo escuro espreitavam debaixo do gorro de tricô que recebera de presente das auxiliares do hospital. Era uma bebé linda, com um nariz minúsculo e faces redondas. Os olhos eram grandes e de um azul-índigo, quando se dignava a abri-los.

Julia sentia o coração cheio. A sua bebé era saudável e o marido ainda mais colaborante do que tinha imaginado. Era quase felicidade a mais para uma pessoa.

— Se ela fizer alguma coisa fofa, avisa-me. — O tom de Gabriel era ansioso.

Julia riu-se.

— Está bem, senhor professor.

— Gosto de a ver dormir — disse Gabriel, pensativo. Continuou a conduzir o *Volvo* a passo de caracol pelas ruas de Cambridge. — É fascinante.

— Tens de olhar para a estrada, papá.

Gabriel lançou um olhar a Julia.

— Desde quando conduzes tão devagar? — brincou ela.

— Desde que tenho tudo o que amo neste carro. — A expressão de Gabriel suavizou-se quando se olharam nos olhos pelo espelho.

O coração de Julia deteve-se.

O entusiasmo dele pela paternidade superara as suas expectativas. Lembrava-se da primeira noite que tinham passado no hospital, depois do nascimento de Clare. Gabriel ficara com ela ao colo durante toda a noite, não aceitando separar-se da filha.

Gabriel dissera uma vez que, mesmo quando fosse velho, continuaria a recordar-se da imagem de Julianne na noite em que tinham feito amor pela primeira vez. Ela recordaria a imagem do marido a segurar a bebé contra o peito para o resto da sua vida.

Lágrimas encheram-lhe os olhos e ameaçaram transbordar. Debruçou-se sobre a bebé para ocultar a sua reação.

Gabriel virou o carro para a sua rua — muito, muito lentamente.

— Mas que raio? — A sua boa disposição interrompeu-se abruptamente, como um navio a embater num icebergue.

— Atenção à língua — murmurou Julia. — Não vamos ensinar essas palavras à bebé.

— Se a bebé estivesse acordada, também ia querer saber que raio se está a passar. Olha para a nossa entrada. — Gabriel virou o carro para a estrada de acesso, com os olhos fixos na frente da sua propriedade.

Julianne seguiu-lhe o olhar.

Na frente da elegante casa de dois andares, havia um amontoado de flamingos de plástico cor-de-rosa. Um flamingo de madeira gigante erguia-se ao lado da porta principal, com um letreiro na frente:

Parabéns Gabriel e Julia! É uma menina!

Os flamingos mais pequenos eram tão numerosos que Gabriel mal conseguia ver uma folha de erva por baixo. Era uma infestação. Uma infestação de foleiros ornamentos de relvado, claramente escolhidos por algum inimigo com um extremo défice de bom gosto.

— Porra! — exclamou Julia.

— Olha a língua — troçou Gabriel. — Suponho que não estavas à espera disto...

— Claro que não. Mal vi o meu email esta semana. Foste tu?

— Achas que *eu* fazia isto? — O professor estava indignado. Julianne tinha de saber que o seu gosto não admitia abominações de ornamentos de relvado de plástico.

Mas o comentário da mulher lembrou-lhe o email que tinha recebido

enquanto estavam no hospital. O conteúdo da mensagem era urgente. Precisava de falar com Julianne sobre o assunto.

Ela distraiu-o com uma gargalhada.

— Será que foi a vizinha Leslie que trouxe os flamingos? Ou os teus colegas da universidade de Boston?

— Duvido. De certeza que teriam o bom senso de enviar champanhe. Ou uísque escocês.

Mais uma vez, preparou-se para falar do email a Julianne. Mas, assim que entrou na estrada de acesso, a porta lateral abriu-se e Rachel, a sua irmã, saiu a correr.

Tinha um sorriso de orelha a orelha e estava vestida de forma descontraída, com *t-shirt* branca, calças de ganga e sandálias. O longo cabelo louro caía-lhe sobre os ombros, e os olhos cinzentos estavam luminosos.

— Acho que descobrimos a pessoa responsável pelo *kitsch*. — Gabriel abanou a cabeça.

Julia tocou-lhe no ombro.

— Foi querido da parte dela. Tem andado de um lado para o outro entre o hospital e a casa, a ajudar.

Gabriel franziu o sobrolho.

— Eu sei.

— Mesmo que aches os flamingos foleiros, tens de te mostrar agradecido. Ele levantou o queixo, empertigado.

— Eu sei mostrar-me agradecido.

— Eu queria dizer agradecido de uma forma convincente — retificou Julia.

Quando o sobrolho de Gabriel se franziu ainda mais, ela desapertou o cinto de segurança e chegou-se à frente, para lhe dar um beijo na face.

— Amo-te. És um marido maravilhoso e um pai incrível.

Gabriel baixou o olhar e tamborilou com os dedos no volante.

Julia despenteou-lhe o cabelo escuro.

— Talvez devêssemos ficar com alguns dos flamingos... Para o jardim?

Gabriel perfurou-a com o olhar.

— Estou a gozar. — Ela levantou as mãos num gesto de rendição. — Tenta parecer mais feliz do que isso, sim?

— Está bem. — Gabriel suspirou, conformado. Desligou o carro e saiu.

— Porque é que demoraram tanto? — Rachel deu um abraço apressado ao irmão e abriu a porta do carro. — Temos estado toda a manhã à espera.

Gabriel espreitou pela porta aberta e viu a irmã instalar-se no banco traseiro.

— Tiveram de ver a Julianne e a Clare antes de lhes darem alta. E também inspecionaram o carrinho e a cadeira transportadora da bebé antes de sairmos.

— Bem, isso é bom — replicou Rachel. — Mesmo assim não devia ter demorado três horas. Vieste assim tão devagar?

Gabriel sacudiu uma poeira imaginária do seu casaco desportivo. Depois olhou com mais atenção para o banco traseiro.

— Só um segundo, Rachel, tenho de soltar a cadeirinha da base.

— Despacha-te. Mas vai pelo lado da Julia, porque eu não saio daqui. — Rachel debruçou-se sobre a sobrinha adormecida e o seu sorriso alargou-se. — Olá, Clare.

Julia passou uma mão por cima da bebé para tocar no braço da amiga.

— Adoro os flamingos.

— Eu sabia que ias gostar. — Rachel fez um enorme sorriso. — O papá hesitou, mas eu achei que eram hilariantes. Até o Scott contribuiu.

— Temos de tirar uma fotografia do Gabriel com os flamingos e enviá-la ao Scott.

Rachel riu-se.

— Exato. Ele vai ampliá-la e pendurá-la na parede.

Julia removeu cuidadosamente e apontou para o gorro cor-de-rosa tricotado da bebé, expondo a massa de cabelo escuro.

— A Clare trouxe o presente que nos deste ontem.

— Combina com o *babygrow* cor-de-rosa. — Rachel tocou ao de leve na cabeça da bebé. A sua expressão alterou-se momentaneamente.

Julia estudou a amiga. Vira uma ponta de tristeza nos olhos de Rachel, mas apenas por um instante.

Rachel sorriu para a sobrinha adormecida.

— Comprei-lhe mais uns acessórios para o cabelo, ontem à noite. Como tem tanto, vamos ter de lho pentear.

Julia anuiu.

— O Gabriel vai ter de a levar. Não posso pegar em nada que pese mais de quatro quilos, por causa dos pontos.

Rachel baixou o olhar para a barriga de Julia.

— Isso é lixado.

— Já passou. — Gabriel piscou o olho à irmã antes de ajudar Julia a sair do carro. — Estou feliz por estares aqui.

— Eu também. — Rachel observou-o enquanto ele removía cuidadosamente a cadeirinha da bebé e se virava para a casa.

— Mais devagar. — Ela seguiu-o. — Deixa-me levá-la.

Com os olhos a cintilar, Gabriel passou-lhe a cadeirinha, mas não sem a ter instruído a ter cuidado. Cumprimentou Richard, o seu pai, e os dois homens foram segurar a porta.

Julia entrou com Rachel.

— Obrigada por teres ficado cá. Sei que foi um pouco mais de tempo do que tinhas planeado.

Rachel segurava a cadeirinha com as duas mãos enquanto entrava na cozinha.

— Não me ia embora antes de vocês chegarem. O Aaron teve de ir trabalhar, senão também estaria aqui.

— Nem tenho como te agradecer. Sei que tens estado a tratar dos telefonemas, e entregas, e tudo o resto.

Rachel encolheu os ombros.

— É o que as famílias fazem, Jules. Cuidamos uns dos outros. Só tive sorte por ainda me restarem uns dias de férias. A Rebecca tem estado a estragar-nos com os seus cozinhados. Devias ter visto o que ela fez para o almoço.

— Ótimo. Estou esfomeada. — Julia já sentia o estômago a roncar. Entrou na cozinha.

A mesa estava posta com a melhor porcelana dos Emerson, talheres de prata e copos de cristal. Balões de hélio cor-de-rosa estavam atados à cadeira de Julia à cabeceira da mesa, e um enorme arranjo de flores rosa e brancas ornava o centro. Quase todas as superfícies da cozinha estavam cobertas de comida, flores ou presentes com embrulhos coloridos.

— Surpresa! — Uma mulher mais velha com o cabelo curto branco e olhos azul-acinzentados aproximou-se.

— Katherine? — Julia levou uma mão à boca.

— Pensava que estavas em Oxford. — Gabriel recompôs-se da surpresa e cumprimentou a antiga colega com um beijo na face.

— E estava. Vim a Cambridge conhecer a minha afilhada. — A professora Picton abraçou Julia e deu um passo atrás, com os olhos a brilhar. — Posso pegar-lhe?

— Claro. — Gabriel removeu Clare da cadeirinha e deu-lhe um beijo na cabeça antes de a transferir para os braços de Katherine.

Clare abriu os grandes olhos azuis.

Katherine sorriu.

— Olá, Clare. Sou a tua tia Katherine.

A bebé abriu a minúscula boca de botão de rosa e bocejou.

— Clare é um lindo nome — continuou Katherine, sem se deixar demover pelo sono da criança. — Pensei que os teus pais te iam chamar Beatriz. Mas vejo que pareces mais uma Clare.

— Só existe uma Beatriz. — Gabriel pôs um braço em volta dos ombros de Julia.

— Oh, vamos divertir-nos tanto — sussurrou Katherine à menina. — Vou ensinar-te italiano e tudo sobre Dante e Beatriz. Quando fores mais velha, vou levar-te a Florença e mostrar-te onde o Dante viveu.

A bebé pareceu olhar fixamente para a sua tia. Katherine inclinou-se mais para ela e recitou:

*«Donne ch' avete intelletto d'amore,
i' vo' con voi de la mia donna dire,
non perch'io creda sua laude finire,
ma ragionar per isfogar la mente.»*

Gabriel reconheceu o excerto de *La Vita Nuova* de Dante, quando Katherine citou o seu louvor da linda Beatriz.

Julia estacou, paralisada.

Depois, subitamente, como uma inesperada tempestade num piquenique, começou a chorar.

Capítulo Quatro

A sala ficou em silêncio.
Toda a gente olhava para Julia, que colocou uma mão sobre a boca enquanto tentava suprimir os soluços.

Richard, Katherine, Rebecca e Rachel ficaram em choque, sem saber o que fazer.

— Deem-nos um minuto — murmurou Gabriel, com o braço ainda a envolver os ombros de Julia. Conduziu-a para um canto tranquilo junto à janela da sala.

— Querida, o que se passa? Tens dores? — Abalado, inclinou-se para olhar para ela.

Julia fechou os olhos enquanto as lágrimas caíam. Abanou a cabeça.

Gabriel puxou-a contra o peito.

— Não compreendo. Queres que eles se vão embora?

Ela abanou a cabeça outra vez.

Ele pousou a face no cabelo de Julia.

— Não sabia que estavam a planear isto tudo.

— Há o dobro dos balões — balbuciou ela.

— O hélio é perigoso para os bebés?

— Não. Sim. Não sei. — Agarrou a camisa dele. — Não é isso. Há o dobro dos presentes e das flores que já tínhamos recebido no hospital. E temos flamingos no relvado!

— Eu posso tirar os flamingos, querida. — Gabriel beijou-lhe o cabelo. — Vou fazer isso agora.

— Não tem a ver com os flamingos. — Julia enfiou a mão num dos bolsos do casaco de Gabriel e retirou um lenço. Acenou-lho na frente dele. — Ainda bem que te comprei isto.

Assoou-se.

— Um cavalheiro anda sempre com um lenço, para ocasiões como esta.
— Acariciou-lhe as costas, com a preocupação a crescer. — Estás aborrecida com os flamingos, mas não queres que os retire?

— A cozinha está cheia de presentes. A Katherine veio de Inglaterra e citou Dante! — Julia desatou novamente a chorar.

Gabriel franziu o sobrolho, pois a visão das lágrimas fazia-o sofrer.

— Claro que há presentes. As pessoas dão prendas aos bebés. É tradição.

— Quantos dos meus familiares estão na cozinha? — Ela limpou o nariz.

O coração de Gabriel comprimiu-se.

— O teu pai e a Diane queriam vir, mas o Tommy está doente. Vais vê-los em breve. — Limpou as lágrimas de Julia com os polegares. — A cozinha está cheia de família, a nossa família. Pessoas que te amam e amam a Clare.

Ela engoliu em seco.

— Sinto a falta da tua mãe. Sinto...

Gabriel estremeceu. Havia um oceano de dor na frase inacabada de Julianne. Ela tivera uma infância infeliz, com uma mãe que por vezes era abusiva, outras, indiferente.

— Também sinto a falta da Grace — admitiu Gabriel. — Acho que vamos sentir sempre a sua falta.

— Só sou mãe há um par de dias, mas amo tanto a Clare que faria qualquer coisa por ela. Qual era o problema da Sharon? — sussurrou Julia, agarrando-se ao marido.

Gabriel baixou o olhar para a mulher.

— Não sei.

A sua resposta era verdadeira. Como se explica a indiferença e a crueldade? Experimentara ambos da parte do seu pai biológico. E, com o tempo, viera a perceber que qualquer tentativa de explicar esse comportamento era fútil, porque as explicações muitas vezes pareciam desculpas. E ele não toleraria desculpas.

Segurou-lhe os ombros com força e apertou-os.

— Eu amo-te, Julianne. Nós amamo-nos e amamos a Clare. Não começámos as nossas vidas com os melhores modelos a seguir, mas pensa em quem temos agora: toda a gente na nossa cozinha, e o Tom e a Diane, e o Scott e a Tammy, e todos os outros que amamos. Vamos poder criar a nossa própria família, para a Clare.

— Ela não vai saber o que é ter uma mãe que não a ama. — O tom de Julia tornou-se feroz.

— Não, não vai. — Gabriel abraçou-a com mais força. — E tem um pai que a ama muito e ama muito a sua mãe.

Julia limpou os olhos com as costas da mão.

— Desculpa ter estragado a festa.

— Não estragaste nada. A festa é tua. Podes chorar, se quiseres²...

Julia riu-se e foi como o sol depois da chuva. Então, inexplicavelmente, pôs-se em bicos de pés para espreitar sobre o ombro de Gabriel pela janela.

— O nosso relvado está coberto de flamingos.

Os lábios de Gabriel reviraram-se.

— Sim. Sim, pois está.

— Até gosto deles.

— Acho que estás a sofrer de privação de sono. — Gabriel beijou-lhe a testa.

— Não sei o que se passa comigo. Apetece-me rir daqueles flamingos disparatados e apetece-me chorar porque tenho uma família tão fantástica. E tenho fome.

— A Dr.^a Rubio avisou-nos de que a tua recuperação ia demorar mais tempo por causa das complicações. E tens estado a amamentar a bebé de duas em duas horas. Claro que tens fome.

— Quero pôr um flamingo no quarto da bebé.

A cabeça de Gabriel recuou bruscamente.

Um flamingo vai estragar a estética que nos deu tanto trabalho a criar, pensou. *É um crime contra o design de interiores.*

Mudou de assunto.

— Talvez fosse melhor dormires uma sesta. Queres que mande toda a gente para casa?

— Isso seria difícil. Com exceção da Katherine, toda a gente está cá em casa.

— Pois é.

— E agora quem é que está com privação de sono, professor? — Julia sorriu e deu-lhe a mão.

Gabriel esfregou a testa com a outra.

— Vou reservar uns quartos no Lenox. É um bom hotel.

Julia fitou os olhos sérios e a expressão preocupada do marido. Apertou-lhe a mão.

— Não os mandes embora. Eu estou bem. Mesmo.

Gabriel fez-lhe um olhar de dúvida.

² Em inglês: *It's your party. You can cry, if you want to...* Alusão à letra da canção americana *It's My Party*, de Lesley Gore: *It's my party, and I'll cry if I want to.* (N.T.)

Quando a sentiu encostar-se a ele, foi atingido pela recordação da mulher na sala de parto. Estava deitada numa maca, pálida e muito imóvel. O médico gritara às enfermeiras que o levassem para fora do quarto.

Pensara que ela tinha morrido.

Sentiu o coração parar e levou a mão ao peito.

Julia olhou para ele.

— Gabriel, estás bem?

Ele pestanejou.

— Estou perfeitamente. — Ocultou a sua agitação beijando-a firmemente. — Estou preocupado contigo.

Antes que Julia pudesse responder, ouviram pigarrear ali perto.

Viraram-se para encontrar Rebecca, a empregada e amiga, parada à porta. Rebecca era alta, tinha o cabelo grisalho preso num carrapito e grandes olhos escuros.

Aproximou-se do casal e lançou um olhar preocupado a Julia.

— Sente-se bem?

— Sim. — Julia ergueu os braços. — Só muito chorona.

— Hormonas. — Rebecca deu-lhe uma palmadinha no ombro. — O seu corpo vai levar algum tempo a voltar ao normal. Pode ficar com as emoções numa confusão, ora para cima, ora para baixo.

— Ah. — As feições de Julia relaxaram, como se as palavras de Rebecca fossem uma revelação.

— Tive a mesma experiência quando o meu filho nasceu. Num minuto estava a rir-me e no minuto seguinte a chorar. Mas isso passa. Não se preocupe. Quer-se deitar? Posso adiar o almoço.

Julia olhou para Gabriel. Ele ergueu as sobrancelhas.

— Não, quero estar com toda a gente. E quero comer. — Olhou com um ar ávido na direção da cozinha.

— O almoço está quase pronto. Fiquem à vontade. — Rebecca abraçou Julia e saiu da sala.

— Esqueci-me da flutuação hormonal. — Julia olhou para Gabriel. — Sinto-me perdida.

— Não estás perdida. — O tom de Gabriel era firme. Ergueu o queixo de Julia e prendeu-lhe os lábios num beijo lento e doce. — Nunca estaremos perdidos enquanto nos tivermos um ao outro.

Julia beijou-o.

— Estou tão contente por estares aqui. Não consigo imaginar-me a passar por isto sozinha.

Gabriel comprimiu os lábios. Mais uma vez, lembrou-se do importante email, mas decidiu que não era o momento apropriado para o mencionar.

Fez um gesto para a janela.

— Temos mil e um flamingos no relvado. Não estamos propriamente sozinhos.

Julia ergueu o olhar para o rosto muito sério e ligeiramente irritado de Gabriel. E desatou a rir.

Capítulo Cinco

Nessa mesma tarde, Gabriel olhou para a miríade de cavilhas de metal, parafusos e peças de plástico que estavam organizados com precisão militar sobre o tapete do quarto da bebé.

(É preciso realçar que não havia flamingos à vista.)

Lançou um olhar funesto à caixa vazia onde se exibia alegremente a foto de baloiço de bebé e franziu de novo o sobrolho para as peças ordenadas.

— Filho da...

Ouviu pigarrear atrás de si.

Virou-se para ver Richard à porta, com Clare ao colo.

A bebé estava agitada e Richard esforçava-se para a acalmar, segurando-a contra si e movendo-se para trás e para a frente.

— Onde está a Julianne? — Gabriel aproximou-se da porta e tocou levemente na cabeça da bebé.

— A dormir uma bem merecida sesta. A Clare também devia estar a dormir, mas parece que não quer. Eu ofereci-me para passear com ela, para ver se adormece.

— Eu posso segurá-la. — Gabriel estendeu os braços.

— Ah, não. Quero ficar o máximo de tempo que for possível com a minha neta. Fazemos-te companhia. — Richard contornou as muitas peças de metal e foi colocar-se à janela. — Como está a correr?

Gabriel acenou vagamente para os detritos no tapete.

— Estou a perder contra um baloiço de bebé.

Richard riu-se.

— Já passei por isso. E montei bicicletas, e brinquedos impossíveis no Natal. O meu conselho é: ignora o teu instinto de descobrires por ti próprio e segue as instruções.

— Fiz um doutoramento em Harvard. De certeza que consigo perceber como se monta um baloiço de bebé.

— E eu fiz um doutoramento em Yale. — Os olhos cinzentos de Richard cintilaram. — E aprendi que se deve ler as instruções.

Gabriel fez um sorriso malicioso.

— Bem, não posso aceitar que um tipo de Yale me bata. — Enfiou a cabeça na caixa enorme e retirou um livrinho com as instruções. Ajustou os óculos. — Estão em chinês, espanhol, italiano e alemão.

— Montei um baloiço desses quando eu e a Grace trouxemos o Scott do hospital. Passei a noite toda a pé e pus as pernas ao contrário. Não conseguia perceber porque é que não balouçava até vir a Grace arranjá-lo.

Gabriel soltou uma pequena gargalhada e olhou com mais atenção para o livrinho.

— As instruções em italiano não fazem qualquer sentido. Devem ter contratado um estudante do primeiro ano para as traduzir. Vou ter de escrever uma carta à empresa.

Richard olhou para o filho com mal disfarçado divertimento.

— Talvez fosse melhor montares isso primeiro. — Pigarreou. — O parto do Scott foi relativamente mais fácil, comparado com o da Clare. A Julia parecia pálida quando a deixei há uns minutos.

Gabriel baixou as instruções.

— Vou ver como ela está.

— A Rachel estava lá agora a arranjar-lhe as almofadas e a puxar as cortinas. Mas talvez fosse melhor ires vê-la daqui a pouco.

Gabriel esfregou os olhos por detrás dos óculos.

— O parto não correu tão bem como se esperava.

Richard baixou a cabeça para ver melhor o rosto de Clare. Estava de olhos fechados. Abrandou os seus movimentos, ainda a balouçar para a frente e para trás.

— A Julia vai precisar de cuidados e muito apoio. Vais ficar de licença ou...

— Ah. Aqui está a parte em inglês. — Gabriel ocultou o rosto enquanto mergulhava nas instruções. — Sim, estou de licença de paternidade.

Richard ergueu a cabeça.

— A Julia vai ter de retornar ao trabalho do curso em setembro, não vai? E tu vais dar aulas?

Gabriel eriçou-se.

— É o meu trabalho.

Tendo em conta o email que recebera nessa manhã, era extremamente improvável, se não mesmo impossível, que estivesse a dar aulas na universidade de Boston no ano seguinte. Mas não revelara esse facto a ninguém, incluindo Julianne.

Agachou-se e começou a reorganizar as peças do baloiço de acordo com as instruções impressas.

— Estamos contentes por tu e a Rachel terem podido ficar. Tencionamos batizar a Clare esta semana na nossa paróquia. Vamos pedir à Rachel para ser a madrinha.

— Tenho a certeza que ela vai ficar encantada. E fico contente por podermos assistir ao batizado. — Richard parecia inquieto com a aparente tentativa de mudança de assunto da parte do filho. — Como te estás a sentir com tudo isto?

— Eu estou bem. — Gabriel soava impaciente. — Porque é que não havia de estar?

— A paternidade é uma enorme responsabilidade. — O tom de Richard era brando.

Gabriel recuou sobre os calcanhares, os olhos no tapete.

— Sim. — Soprou. — Como é que soubeste como ser pai?

— Nem sempre soube. Cometi erros. Mas a Grace era uma mãe incrível. Parecia ter os instintos certos. Também tive a sorte de ter uns pais excelentes. Morreram antes de tu chegares, mas criaram um lar onde havia muito amor e cuidados. Tentei fazer isso convosco.

— E conseguiste. — Gabriel pegou numa das pernas de metal e virou-a nas suas mãos.

Richard continuou.

— Ser pai é um compromisso. Prometes amar os teus filhos, não importa o que aconteça. Prometes mantê-los em segurança. Prometes sustentá-los, ensiná-los e guiá-los. E, com a graça de Deus, muita paciência e trabalho árduo, manténs essas promessas.

Gabriel fez um *hum-hum* em surdina enquanto pousava a perna de metal no tapete. Pegou no motor do baloiço.

Richard ajustou Clare de forma que ela ficasse deitada de costas nos seus braços.

— Estás preocupado por seres pai?

Gabriel encolheu os ombros.

— Escolheste a Julia como tua mulher. É uma rapariga encantadora e a companhia perfeita para ti. Os dois juntos vão saber resolver as coisas. E eu

estarei aqui para vos ajudar. Sou abençoado todos os dias pelos meus filhos, e pelo filho do Scott e da Tammy e agora pela Clare. Tenho muita sorte por ser avô e poder desfrutar dos meus netos.

Gabriel pousou o motor e começou a juntar as duas peças de metal maiores. Richard instalou-se na grande poltrona de pele ao canto, com a Clare adormecida ao colo.

O olhar de Gabriel ergueu-se para a filha e para a visão da mão do pai a envolvê-la num gesto protetor.

Richard ainda usava a aliança. Gabriel sentiu-se tentado, muito tentado a contar a Richard que tinha sonhado com Grace enquanto estava no hospital. Mas, três anos após a sua morte, Richard continuava a usar as marcas da sua dor, nas rugas que se tinham aprofundado no seu rosto e nos cabelos brancos que se tinham multiplicado na sua cabeça. Gabriel guardaria para si mesmo a aparição de Grace.

Uniu os pés do baloiço às duas peças que formariam as pernas.

— Durante o parto, alguma coisa correu mal. Puseram-me fora do quarto. Entregaram-me a Clare mas não me deixaram ver a Julianne. Pensei que ela tinha morrido.

— Filho. — A voz de Richard quebrou-se.

Gabriel retirou uma chave de fendas da caixa de ferramentas. Começou a apertar os parafusos das pernas.

— Como é que aguentas?

Richard tocou suavemente a cabeça de Clare, para não a acordar.

— Essa é uma descrição adequada. Eu aguento. Mas a minha vida nunca mais vai ser a mesma.

» A aceitação oferece liberdade. Compreendo que tudo mudou e tenho tentado ajustar-me a isso. Mas continuo a chorá-la. Choro a sua perda e o que podia ter existido. E, à medida que o tempo passa e a dor diminui mas não desaparece, tenho aprendido a não a combater. Perdi o amor da minha vida, e sentirei sempre a sua falta.

» Ela aparece-me, por vezes, nos meus sonhos. Mas só quando estou na nossa casa. As suas aparições confortam-me.

— Desculpa não ter estado aqui para te apoiar.

Richard pareceu confuso.

— Mas tu estavas.

— Não propriamente. — Gabriel ocupava-se do baloiço, abrindo as pernas e instalando a barra horizontal para o equilibrar. — Estava mergulhado no meu próprio egoísmo.

— Quando a Grace morreu, tu vieste e sentaste-te comigo no chão.

Gabriel ergueu as sobrancelhas.

— Do livro de Job, na *Bíblia* — apressou-se Richard a explicar. — Os amigos de Job sabem do seu sofrimento e vão visitá-lo.

— Os amigos de Job não são propriamente heróis — objetou Gabriel. Prendeu o motor do baloiço às pernas e testou a estrutura para verificar se não caía para a frente.

— É verdade, é verdade. Mas, quando viram Job sentado no chão, foram e sentaram-se com ele. E não disseram uma palavra durante sete dias, pois reconheceram como era grande a sua dor. — Richard fez uma pausa até Gabriel o olhar nos olhos. — Quando a Grace morreu, tu foste e sentaste-te comigo no chão.

Gabriel não respondeu, com as emoções que lhe dominavam o peito. Pegou numa chave-inglesa e apertou as cavilhas que prendiam o motor às pernas.

— Passei horas a refletir sobre a minha perda. Mas também horas a recordar tempos felizes. E a conclusão a que cheguei é que a melhor coisa que podemos fazer uns pelos outros é estar presentes e amar. — Richard fez uma pausa e depositou um beijo na cabeça de Clare. — Quando a minha neta está a chorar, posso pegar-lhe ao colo. Quando a Rachel está a sofrer, posso consolá-la. Quando o meu filho e a mulher precisam de ajuda ou de uma expressão de apoio, estarei com eles. Tempo, amor e apoio... é a essência de se ser pai.

Richard sorriu.

— Estás a embarcar numa nova fase da vida com a tua família. Sim, vai haver desafios. Mas terás tempo suficiente para te preocupares com eles, à medida que aparecerem. Concentra-te no presente e não deixes que as preocupações com o futuro te roubem a alegria.

Gabriel ocupou-se a fazer deslizar o baloiço do tapete para o soalho. Recostou-se para trás para apreciar a sua obra.

— Bom trabalho, Harvard.

— Bom trabalho, efetivamente. — Os olhos cinzentos de Richard cintilaram. — Mas montaste tudo menos o baloiço.

Gabriel ergueu a estrutura montada, consternado. Virou-se e viu o assento do baloiço encostado à parede atrás de si. Agarrou o cabelo com as duas mãos.

— Fo-o-o...rça.

— Bem-vindo à paternidade. — Richard riu-se.